

O ALUNO COM DISLEXIA NA ESCOLA: Um Olhar a Partir de Propostas Pedagógicas Inclusivas

Patricia Rambo¹
Jeize de Fátima Batista²
Cleusa Inês Ziesmann³

RESUMO

O presente artigo parte do interesse por uma busca de metodologias que favoreçam a prática pedagógica com o olhar voltado ao trabalho inclusivo de crianças e jovens que apresentam transtorno de leitura definido como dislexia. Para tanto, o objetivo principal deste estudo centrou-se em desenvolver e aplicar um jogo com atividades de estímulo para aumentar a consciência fonêmica de crianças disléxicas, partindo da identificação e reconhecimento de sílabas, palavras e sons, aplicando e analisando sua eficácia por meio de testes de leitura. Notamos que é fundamental uma adaptação dos contextos escolares a fim de garantir aos alunos um ensino e aprendizagem de qualidade. Dessa maneira, com base nas perspectivas teóricas de Dehaene (2012), Petrossi (2004), Castrillon (2013), Leffa (2006), Sampaio (2014), Kleiman (2000), Batista (2017), entre outros, este artigo foi dividido em três seções: a importância da leitura e o lugar do aluno com dislexia nesse processo; dislexia e seus efeitos e, por fim, o jogo como ferramenta de apoio pedagógico. Para a pesquisa, buscamos arrolar os principais processos desviantes durante a leitura oral em crianças e jovens diagnosticados com dislexia. Além disso, desenvolvemos um jogo com atividades de estímulos para aumentar a consciência fonêmica, partindo da identificação e reconhecimento de sílabas, palavras e sons, aplicando e analisando sua eficácia por meio de testes de leitura e organização do jogo, este o objetivo principal deste artigo. Os participantes desta pesquisa foram crianças e jovens diagnosticados com dislexia. Ao todo, foram cinco participantes na faixa etária de 9 a 12 anos. Após a aplicação do jogo, observamos que os casos mais leves de dislexia apresentaram menos dificuldades do que os participantes em estágios mais avançados, mesmo apresentando diferentes graus de progresso com o jogo, todos demonstraram interesse em aprender.

Palavras-chave: transtorno de leitura; ensino e aprendizagem; importância da leitura.

THE STUDENT WITH DYSLEXIA IN SCHOOL: A PERSPECTIVE FROM INCLUSIVE PEDAGOGICAL PROPOSALS

ABSTRACT

This article starts from the interest in a search for methodologies that favor pedagogical practice with the look at inclusive work of children and young people who have reading disorder defined as dyslexia. For this purpose, the main objective of this study focused on developing and applying a game with stimulating activities to enhance the phonemic awareness of dyslexic children, starting from the identification and recognition of syllables, words, and sounds, and applying and analyzing its effectiveness through reading tests. We note that it is essential to adapt the school contexts in order to guarantee students a quality teaching and learning. Thus, based on the theoretical perspectives of Dehaene (2012), Petrossi (2004), Castrillon (2013), Leffa (2006), Sampaio (2014), Kleiman (2000), Batista (2017), among others, this article was divided into three sections: the importance of reading and the place of the student with dyslexia in this process; dyslexia and its effects; and, finally, the game as a pedagogical support tool. For the research, we sought to list the main deviant processes during oral reading in children and young people diagnosed with dyslexia. In addition, we developed a game with stimulating activities to increase phonemic awareness, starting from the identification and recognition of syllables, words and sounds, applying and analyzing its effectiveness through tests of reading and organization of the game, being the main objective of this article. The participants of this research were children and young people diagnosed with dyslexia. In all, there were five participants in the age group from 9 to 12 years. After the application of the game, we observed that the milder cases of dyslexia presented less difficulties than the participants with more advanced stages, even presenting different degrees of progress with the game, all showed interest in learning.

Keywords: reading disorder; teaching and learning; importance of reading.

Submetido em: 11/11/2024

Aceito em: 5/2/2025

Publicado em: 7/3/2025

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Cerro Largo/RS, Brasil. <https://orcid.org/0009-0009-0789-029X>

² Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Cerro Largo/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1301-050X>

³ Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Cerro Largo/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7114-5432>

INTRODUÇÃO

A leitura é um processo que faz parte do mundo e, por isso, é indispensável para o crescimento intelectual dos indivíduos, pois é vista como a base para construir conhecimentos e gerar aprendizado, bem como para participar e interagir em uma sociedade letrada e em constante mudança. Pensando no ambiente escolar, vemos que a leitura é uma atividade presente em todas as disciplinas. Os alunos precisam estar aptos para ler textos, desenvolver atividades, interpretar e compreender diferentes tarefas.

Sabemos, entretanto, que existem, ainda, muitas dificuldades por parte de alguns estudantes quanto ao ato de ler. Muitos apenas decodificam sinais gráficos e, dessa forma, não realizam a leitura na sua completude, pois não alcançam chegar a uma esfera de compreensão e reflexão. Diante disso, os professores precisam estar em constante processo de formação e busca por metodologias capazes de auxiliar os alunos a superarem as dificuldades e ascenderem a caminhos mais significativos no que diz respeito à leitura. Entre esses caminhos estão a realização de associações (entre textos e mundo), interação, desenvolvimento crítico e novos saberes.

Outro ponto de extrema relevância são os alunos que apresentam dislexia, um transtorno de aprendizagem que afeta a habilidade de leitura, os quais são, também, objeto principal deste estudo. A Classificação Internacional de Doenças (CID) aceita e reconhece a dislexia – sob o código F81.0 – como um transtorno específico de leitura, no qual as modalidades habituais de aprendizado estão alteradas desde as primeiras etapas do desenvolvimento (Massi, 2007). Tal patologia caracteriza-se como:

[...] um comprometimento específico e significativo no desenvolvimento das habilidades da leitura, o qual não é unicamente justificado por idade mental, problemas de acuidade visual ou escolaridade adequada. A habilidade de compreensão da leitura, o reconhecimento de palavras na leitura, a habilidade de leitura oral e o desempenho de tarefas que requerem leitura podem estar todos afetados. Dificuldades para soletrar estão frequentemente associadas a transtorno específico de leitura e muitas vezes permanecem na adolescência, mesmo depois de algum progresso na leitura tenha sido feita [...] (OMS, 1993, p. 240).

Assim, considerando a importância da leitura na vida das pessoas, torna-se fundamental buscarmos por pesquisas voltadas a estudar metodologias pensadas para auxiliar os alunos com dislexia. Este transtorno não tem cura, no entanto é possível procurar estratégias que amenizem os sintomas, empregando recursos e métodos específicos para estimular o processo de ler. Um caminho possível entre tantos consiste em utilizar jogos pedagógicos como forma de reeducação da leitura e desenvolvimento da consciência fonêmica dos alunos.

Dessa forma, este estudo objetiva analisar, de forma qualitativa, a eficácia do uso de um jogo lúdico como ferramenta de estímulo que busca amenizar as dificuldades grafo-fonêmicas dos alunos diagnosticados com dislexia. Os participantes deste estudo fazem parte dos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos nas escolas municipais de Cerro Largo, coordenado pelas autoras deste trabalho.

Para chegar à elaboração do jogo, primeiramente selecionamos um texto pequeno (considerando os níveis de dislexia dos alunos) e pedimos que fosse lido pelos participantes. Durante o processo de leitura as falas dos alunos foram gravadas para que, posteriormente, pudéssemos fazer o levantamento das dificuldades evidenciadas. Após esses momentos o jogo foi elaborado (partindo da sílaba para construção das palavras) e, em um segundo encontro, foi aplicado entre os participantes. Assim, este artigo vem mostrar os resultados alcançados após a interação das crianças com o jogo.

Este artigo divide-se em três seções. Na primeira refletimos sobre o conceito de dislexia, seus efeitos e o papel da escola como instituição inclusiva. A seguir, apresentaremos a importância da leitura e o lugar do aluno com dislexia nesse processo. Na sequência abordaremos o uso dos jogos lúdicos como ferramenta de aprendizagem para alunos diagnosticados com dislexia, bem como discorreremos sobre a elaboração de um jogo, aplicação e resultados alcançados. Por fim, apresentaremos as considerações finais relacionadas ao desenvolvimento desta pesquisa.

DISLEXIA E SEUS EFEITOS

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta, principalmente, as habilidades de leitura e processamento da linguagem. Caracteriza-se por dificuldades no reconhecimento preciso e fluente de palavras, além de problemas com a ortografia e a decodificação. Apesar de não estar relacionada à capacidade intelectual, a dislexia pode impactar significativamente o desempenho escolar e a autoestima dos indivíduos. Compreender suas causas, manifestações e efeitos é fundamental para o desenvolvimento de estratégias educacionais eficazes e intervenções que apoiem o processo de aprendizagem das pessoas com essa condição.

O que é dislexia?

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2022), a dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e de soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem, e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

A ABD (2002) chama a atenção, ainda, para o fato de que a “dislexia não é causada por uma baixa de inteligência. Na verdade, há uma lacuna inesperada entre a habilidade de aprendizagem e o sucesso escolar. O problema não é comportamental, psicológico, de motivação ou social”. É, portanto, um transtorno não visível, descoberto apenas por meio das dificuldades de leitura. De origem genética, ela não tem cura, pois não é uma doença, mas uma forma específica de funcionamento do cérebro que acompanha o indivíduo por toda a sua vida.

Nesse contexto, as pessoas com dislexia podem ter dificuldades em reconhecer letras e palavras, bem como em interpretar e compreender informações apresentadas sob a forma escrita (Batista; Gonçalves; Ziesmann, 2020, p. 22). A criança disléxica não é menos inteligente do que as outras, nem é preguiçosa ou incapaz, pois embora

ela apresente dificuldade na leitura e escrita, desempenha muito bem as atividades relacionadas à criatividade, por exemplo. A diferença está no tempo que ela pode levar para aprender determinado assunto, pois possui uma leitura mais lenta, comprometendo, assim, também, a interpretação.

Para uma melhor compreensão dos “sintomas disléxicos”, Massi (2007, p. 102-103) lista alguns “sinais” e “sintomas” decorrentes, como:

Desempenho inconstante em relação à aprendizagem da leitura e escrita; dificuldades com os sons das palavras e, conseqüentemente, com a soletração; escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas; relutância em escrever; confusão entre letras de formas vizinhas, como “moite” por “noite”, “espuerda” por “esquerda”; confusão entre letras foneticamente semelhantes: “tinda” por “tinta”, “popre” por “pobre”, “gomida” por “comida”; omissão de letras e/ou sílabas, como “entrando” por “encontrando”, “giado” por “guiado” “BNDT” por “Benedito”; adição de letras e/ou sílabas: “muimto” por “muito”, “fiaque” por “fique”, “aprendendendo” por “aprendendo”; união de uma ou mais palavras e/ou divisão inadequada de vocábulos: “Eraumaves um omem” por “Era uma vez uma homem”, “a mi versario” por aniversário”; leitura e escrita em espelho.

Cabe salientar, entretanto, que o indivíduo pode apresentar alguns desses sintomas e não necessariamente ter dislexia, podendo ser algo natural do desenvolvimento mais tardio. Percebe-se que esses sintomas possuem relação com a escrita, leitura, desenvolvimento motor, audição e visão, por isso é importante observar para não confundir qualquer dificuldade de leitura com dislexia.

Segundo Dehaene (2012), a dislexia é uma dificuldade desproporcional de aprendizagem da leitura. Ainda conforme o pesquisador, nem todos os maus leitores são disléxicos e, por isso, é necessário seguir os encaminhamentos corretos para que a criança seja diagnosticada por profissionais capacitados.

Nesse mesmo caminho, Petrossi (2004) ressalta que a dislexia é um transtorno genético e neurobiológico de funcionamento do cérebro para todo o processamento linguístico relacionado à leitura. Acontecem falhas nas conexões cerebrais, por isso a pessoa com dislexia tem dificuldade de associar os grafemas aos sons que eles representam, não conseguindo organizá-los numa sequência coerente, refletindo diretamente na sua vida.

Nas palavras de Batista (2017, p. 39):

Sem dúvida, há muito que ser investigado em relação à dislexia. É um campo muito vasto, mais ainda para educação. As pesquisas existentes nem sempre contribuem para esclarecimentos e entendimentos sobre como agir, ensinar e auxiliar as crianças disléxicas para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e adequado, principalmente no que se refere ao trabalho com leitura.

A partir dos conceitos sobre dislexia destacados, cabe acrescentar que crianças disléxicas não constituem um grupo homogêneo, o qual irá manifestar as mesmas dificuldades e problemas de leitura. De acordo com Neves (2014), a dislexia recebe sua classificação com base na abordagem profissional e nos testes usados no diagnóstico (testes fonoaudiológicos, pedagógicos, psicopedagógicos, psicológicos, neurológicos). A seguir apresenta-se a classificação da dislexia de forma mais minuciosa, baseada no tipo

de dificuldade apresentada e acrescentando, ainda, as categorias visuais e auditivas do transtorno:

- *Dislexia disfonética*: Dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração (troca de fonemas e grafemas por outros similares, dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não têm significado, alterações na ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos, maior dificuldade na escrita do que na leitura, substituição de palavras por sinônimos);
- *Dislexia diseidética*: dificuldade na percepção visual, na percepção gestáltica (percepção do todo como maior que a soma das partes), na análise e síntese de fonemas (ler sílaba por sílaba sem conseguir a síntese das palavras, misturando e fragmentando as palavras, fazendo troca por fonemas similares, com maior dificuldade para a leitura do que para a escrita);
- *Dislexia visual*: deficiência na percepção visual e na coordenação visomotora (dificuldade no processamento cognitivo das imagens);
- *Dislexia auditiva*: deficiência na percepção auditiva, na memória auditiva e fonética (dificuldade no processamento cognitivo do som das sílabas);
- *Dislexia mista*: que seria a combinação de mais de um tipo de dislexia (Neves, 2014, p. 28).

A leitura é uma habilidade fundamental para o desenvolvimento acadêmico e social dos indivíduos, essencial para a construção do conhecimento, o exercício da cidadania e a inserção no mundo letrado. Para alunos com dislexia, no entanto, esse processo pode se tornar um desafio significativo, exigindo estratégias diferenciadas que considerem suas necessidades específicas. Compreender a importância da leitura e o papel que o aluno com dislexia ocupa nesse contexto é fundamental para a criação de ambientes inclusivos, que promovam não apenas o acesso ao conteúdo, mas também o prazer pela leitura e o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem. Na sequência este tema será explorado em maior profundidade, abordando os desafios enfrentados por esses alunos e as práticas pedagógicas que podem favorecer sua inclusão e progresso.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E O LUGAR DO ALUNO COM DISLEXIA NESSE PROCESSO

A leitura é cada vez mais necessária na vida do ser humano, pois é responsável pela constituição do sujeito, de forma bastante significativa. Atualmente, o ato de ler é visto não só como decodificação de sinais gráficos, mas como um processo fundamental ao desenvolvimento do intelecto, à formação pessoal, crítica, analítica, reflexiva e ao conhecimento de mundo de quem lê.

Para que essa formação seja possível a leitura deve ocorrer em ambientes favoráveis à sua aquisição e, ainda, ser produzida respeitando o nível sociocultural do leitor, pois:

O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir um texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de co-

nhcimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (Kleiman, 2000, p. 13).

Nesse sentido, a leitura é parte essencial do saber, fundamenta interpretações e proporciona a compreensão do outro e do mundo. É por meio do texto que se adquire posicionamentos, opiniões, reflexões e forma-se novos conceitos, representando um ambiente repleto de possibilidades e significações.

Como ressalta Kleiman (2000, p. 151), são diversos os caminhos para alcançar o objetivo desejado, pois a “compreensão é um processo altamente subjetivo, no qual cada leitor traz à tarefa sua carga experiencial que determinará uma forma de leitura num mesmo momento e uma leitura diferente para o mesmo leitor, em momentos diversos”.

Nesse mesmo caminho, Leffa (1996, p. 10) destaca que:

A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

Seguindo essa perspectiva, Braga e Silvestre (2002) também consideram que a leitura não é algo passivo, pois ela depende da interação entre texto e leitor. A partir da leitura o leitor cria e constrói o sentido associando, refletindo, questionando, bem como levando em consideração seus conhecimentos e suas ideologias. Assim, o maior exercício da leitura é dialogar com o texto por meio da comparação de ideias, da conclusão, das tomadas de posição e da construção de sentidos, saberes e sujeitos.

Essas concepções de leitura, no entanto, não levam em consideração as crianças com dificuldades no processo de ler. Pensa-se somente no leitor “normal”, capaz de realizar todas as operações para chegar ao nível da compreensão e reflexão crítica. Crianças e jovens com distúrbios de leitura como a dislexia, por exemplo, não conseguem realizar todas essas operações com sucesso, o que as leva à interrupção das informações e, conseqüentemente, da compreensão do que leem, pois têm dificuldade em ativar os mecanismos de reconhecimento de letras e palavras escritas.

Quando se fala sobre o processo da leitura, é imprescindível e necessário considerar como se produz o desenvolvimento dos processos e das estratégias inerentes aos modelos de leitura, mas também é preciso considerar as especificidades, ou seja, as variações de aprendizagem da leitura, as quais levam um aprendiz a transformar-se num leitor fluente ou hábil, capaz de desenvolver habilidades reflexivas e críticas em relação ao que lê.

Em um mundo em que tanto se fala de inclusão, não é possível, diante da importância exercida pela leitura na vida das pessoas, permitir que alguns ainda não possam acessá-la. Principalmente porque essa impossibilidade não ocorre por falta de

materiais, e sim de recursos metodológicos e humanos necessários para ultrapassar as barreiras das dificuldades e promover uma educação de igualdade para todos os alunos.

Sabe-se que criar uma sala de aula inclusiva é um grande desafio para o profissional da educação. É indispensável, porém, que haja formações continuadas pensadas a fim de preparar e ajudar esses profissionais, dando suporte para criar ambientes de aprendizagem que valorizem o potencial individual de cada aluno.

Seguindo esse caminho, pensamos nas crianças e jovens que são diagnosticados com dislexia e se veem diante de uma realidade cheia de limitações, principalmente no que concerne às questões de leitura. Como sobreviver num mundo letrado sem conseguir ler? Esse é um grande dilema que aflige muitos alunos em busca de um espaço para a aprendizagem. Muitos alunos com dislexia acabam desistindo de estudar devido às barreiras encontradas pelo caminho, relacionadas não só às questões de leitura, mas também – e, talvez, a maior causa – pelo preconceito e humilhações sofridos no ambiente escolar.

Nesse sentido, este artigo busca contribuir com uma educação mais inclusiva, pensando em metodologias que favoreçam o trabalho com crianças disléxicas. Para que se possa compreender melhor sobre esse transtorno, entretanto, a próxima seção busca situar o leitor sobre o conceito de dislexia, seus efeitos e o papel da escola como instituição inclusiva.

Na sequência será proposta uma reflexão sobre o papel da escola como instituição inclusiva, bem como acerca de atitudes e procedimentos que podem ser adotados a fim de contribuir para o desenvolvimento das habilidades dos alunos com dislexia.

O papel da escola em relação aos alunos com dislexia

A dislexia apresenta-se como um transtorno de aprendizagem em que as dificuldades demonstradas pelos indivíduos disléxicos estão diretamente ligadas à leitura. Compreende-se, então, que a escola se apresenta como fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem dessas crianças, pois

é na escola que a dislexia, de fato, aparece. Há disléxicos que revelam suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles se compara à escola, local onde a leitura e escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas (ABD, 2022).

Desta forma, é possível afirmar que, na maioria dos casos, a escola ainda é o principal refúgio para o aprendizado da escrita e leitura. Por isso, é preciso que os professores valorizem cada aluno, sempre levando em consideração a particularidade de cada um, a forma como cada aluno pode aprender, sempre recorrendo a atividades motivadoras.

Batista, Gonçalves e Ziesmann (2020, p. 20) enfatizam que, “frente a essa realidade, o professor tem um papel fundamental e um desafio muito grande que é o de ensinar a partir de estratégias metodológicas, que possam auxiliar no processo de ensino aprendizagem de crianças com dificuldades especiais e específicas, como a dislexia”. Dessa forma, cabe à escola e à família buscar recursos e habilidades para tornar esse ensino possível. Destacamos, ainda, a Lei nº 13.146, de julho de 2015, que decreta o seguinte:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Brasil, 2015).

Essa lei visa a amparar as crianças e os jovens com deficiência, proporcionando-lhes igualdade de oportunidades de estudo e aprendizagem, respeitando suas limitações e buscando garantir nenhuma espécie de discriminação. Assim sendo, os educadores precisam encontrar-se preparados para lidar com a inclusão, além de estarem conscientes da diversidade apresentada pelos alunos, refletindo sobre a importância da educação inclusiva em todos os aspectos.

Segundo Batista (2017, p. 46):

Um problema que ainda se percebe é que a escola, mesmo buscando inserir-se aos novos modelos metodológicos e tecnológicos, ainda busca homogeneizar o ensino. Sabe-se que os seres humanos são diferentes e aprendem de formas distintas, cada um com suas particularidades, facilidades e limitações. Entretanto, o trabalho com a diversidade tem sido um obstáculo para grande parte dos professores. Não é possível que todos aprendam da mesma maneira, por isso o objetivo é que todos possam aprender e construir o pensamento, sem sentirem-se marginalizados.

Tendo em vista tais questões, percebemos que organizar uma sala de aula inclusiva é um grande desafio para o profissional da educação. Ensinar um aluno que apresenta algumas dificuldades é estar em constante aperfeiçoamento, é adaptar-se a novas metodologias capazes de atender às limitações de cada aluno, respeitando seu tempo de aprendizagem e valorizando seus avanços. Para isso, o professor precisa de cursos de formação continuada, bem como de leituras para que possa compreender o funcionamento das dificuldades dos alunos e, assim, buscar metodologias qualificadas para auxiliá-lo no processo de ensinar.

Dessa forma, considerando a busca por metodologias que contribuam para o ensino e aprendizagem do aluno diagnosticado com dislexia, o próximo tópico propõe o uso de jogos lúdicos como forma de intervenção e auxílio no processo de construção do conhecimento.

METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM: O JOGO COMO FERRAMENTA DE APOIO PEDAGÓGICO

Diante da necessidade de ferramentas para apoio pedagógico, destacamos a importância deste trabalho, no qual buscou-se desenvolver e aplicar um jogo para auxiliar na aprendizagem da leitura de crianças e jovens com dislexia. Nesse sentido, Castrillon (2013, p. 397) chama a atenção para o seguinte:

Jogos remediativos devem ser utilizados de forma intensiva e sistemática, para que novas aprendizagens e competências executivas sejam fixadas e generalizadas. O uso de jogos tem o objetivo de promover o desenvolvimento de competências específicas em duas grandes áreas: codificação/decodificação (mecânica) e com-

preensão (semântica). O aluno disléxico deve ter acesso a esta instrução suplementar fora da sala de aula, com o educador especializado, que irá escolher os melhores instrumentos e orientar na execução das atividades.

Levando em consideração essa perspectiva, consideramos o papel da escola fundamental para que possamos desenvolver ações de enfrentamento às limitações por parte dos alunos. Batista (2017, p. 54) enfatiza que “a inclusão consiste em princípios como aceitação das diferenças individuais, convivência dentro da diversidade humana, valorização de cada pessoa e aprendizagem através da cooperação”.

Desse modo, como referido, cabe ao professor buscar ferramentas para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, com formas eficientes de incentivar o aprendizado de crianças diagnosticadas com dislexia. Nesse sentido, o trabalho com jogos que promovam o desenvolvimento da criatividade, da consciência fonológica, o treinamento da memória, relações grafo-fonêmicas e seus significados apresenta-se como uma alternativa, pois oportuniza espaços para o avanço em relação às dificuldades de leitura.

De acordo com Castrillon (2013), é importante atentar para o fato de que ninguém aprende a ler sem fazer parte de uma comunidade de aprendizagem sobre um cérebro em desenvolvimento. O autor ressalta, ainda, que sem participar de uma comunidade de aprendizagem na qual o letramento é prática significativa, torna-se muito difícil aprender a ler, principalmente por não haver uma mediação educadora, sejam crianças disléxicas ou não. Assim, cabe aos educadores e especialistas desenvolver propostas flexíveis e caminhos que favoreçam o sucesso escolar possível para cada aprendiz, independentemente do seu nível de dificuldade.

Dehaene (2012) também propõe os jogos como forma de reeducação cerebral. Ressalta que os jogos mais competitivos detectam o nível da criança, e podem estimular avanços significativos na leitura. O autor destaca, ainda, que há mais de 20 anos uma série de especialistas da área da leitura vem desenvolvendo estratégias de reeducação. O objetivo da maior parte dessas estratégias é expandir a consciência fonêmica por meio de manipulações de letras e de sons. Assim, é possível perceber que as atividades com jogos lúdicos podem tornar-se ferramentas capazes de contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da criança disléxica. Estratégias e novas metodologias podem e devem ser desenvolvidas para reparar dificuldades específicas.

De acordo com Dehaene (2012), o objetivo da leitura é o de compreender textos escritos, enquanto os problemas da maior parte dos disléxicos são originários de um nível mais fundamental: o da palavra. Nesse sentido, Sampaio (2014) ressalta que os jogos ou programas mais eficazes para desenvolver as habilidades de leitura são aqueles que procuram reforçar as habilidades das crianças em consciência fonológica, nomes de letras e sons, leitura e ortografia de palavras e leitura de frases simples. A autora sugere também jogos que incluam atividades como: perceber, identificar e manipular os sons da linguagem oral; reconhecimento fônico – como as letras e os grupos de letras representam os sons da linguagem oral; um trabalho com pronúncia – decodificação e, ainda, leitura de palavras à primeira vista (Sampaio, 2014).

Sendo assim, com base nos pressupostos teóricos estudados até aqui, este artigo buscou desenvolver e aplicar, em crianças de 9 a 12 anos, diagnosticadas com dislexia, um jogo com o objetivo de promover a reeducação da leitura por meio do desenvolvi-

mento da consciência fonológica. À vista disso, na próxima seção serão apresentados os resultados da aplicação do jogo como atividade de intervenção em crianças diagnosticadas com dislexia. Estas integram o Atendimento Educacional Especializado⁴ (AEE) da rede municipal de Cerro Largo, e participam dos Projetos de Pesquisa e Extensão, coordenados pela professora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Jeize de Fátima Batista, orientadora deste trabalho.

ELABORAÇÃO DO JOGO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como mencionado anteriormente, este trabalho foi desenvolvido no Projeto de Pesquisa e Extensão⁵ vinculado ao Curso de Letras: Português e Espanhol – Licenciatura, da UFFS, *Campus* Cerro Largo e coordenado pelas autoras deste artigo. O jogo lúdico foi aplicado para um grupo de 5 alunos, com idade entre 9 e 12 anos, da rede municipal de Cerro Largo, diagnosticados com dislexia.

A análise ocorreu a partir de uma pré-leitura, na qual, a partir do texto “A Foca Famosa”, da autora Sonia Junqueira, foram arroladas as maiores dificuldades das crianças. A leitura realizada pelos participantes foi gravada individualmente, de forma que o material ficasse disponível para análise e levantamento dos dados necessários. Vale ressaltar que, mesmo os participantes apresentando níveis de escolaridade e idade diferentes, o texto foi escolhido por atender a todos, considerando os sintomas da dislexia.

Figura 1 – Ilustração da Ficha de Leitura



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/3307399717927917/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁴ De acordo com o Brasil (2022), o AEE é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade capazes de eliminar barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Ele deve ser articulado com a proposta da escola regular, embora suas atividades se diferenciem das realizadas em salas de aula de ensino comum. Também ressalta que as atividades devem ser feitas no período inverso ao da classe frequentada pelo aluno e, preferencialmente, na própria escola; entretanto, há ainda a possibilidade de esse atendimento acontecer em uma escola próxima.

⁵ Essa pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética CAAE: 49379815.5.0000.5309.

De acordo com Batista (2017, p.73), a leitura do disléxico se dá de maneira silábica, devido a déficits básicos na codificação fonológica ou falta de organização segmental no nível das palavras, bem como em virtude de transtornos relativos à consciência fonológica. Assim, o disléxico soletra as letras e sílabas com dificuldade, buscando associar os sinais gráficos a um som da língua para, assim, chegar à palavra. Cabe lembrar, também, que há uma tendência à troca de letras, inversões silábicas, omissões, etc.

Dessa forma, constatando que as dificuldades citadas anteriormente apareceram na aplicação do pré-teste de leitura com os participantes desta pesquisa, as atividades propostas no jogo foram elaboradas com o propósito de desenvolver a consciência fonêmica no nível das sílabas, palavras e sons. As atividades foram pensadas a partir da observação e descrição dos transtornos apresentados pelos participantes durante a leitura oral do texto, utilizado como instrumento nesta pesquisa.

Ressalta-se que a escolha das sílabas, palavras e sons não foi aleatória, mas associada ao texto trabalhado. O jogo foi elaborado relacionando as palavras do texto às imagens que denotavam seus significados. As palavras foram separadas silabicamente e, como recurso visual, foram utilizadas cores a fim de facilitar a combinação grafo-fonêmica à imagem. Destacamos, também, que as cores só foram utilizadas nas palavras substantivas, as quais podiam remeter a um significado imagético. O advérbio “logo”, os verbos e os adjetivos, entretanto, mantiveram-se na cor preta por não representarem uma figura de significado concreto. Assim, os participantes deveriam juntar as sílabas, formar as palavras e uni-las à imagem (quando fosse substantivo). Seguindo essa perspectiva, Batista (2017, p. 77) salienta que “jogos de atividades de reconhecimento gráfico e fonêmico ajudam no desenvolvimento da memória e auxiliam nas dificuldades, como um estímulo para superação”.

Dessa maneira, com base no referencial bibliográfico consultado neste estudo (Dehaene, 2012; Castrillon, 2013; Batista, 2017), partimos do princípio de que as atividades que enfatizam a assimilação de fonemas ajudam o disléxico a reconhecer sons, sílabas e palavras. As atividades de recuperação exigem atenção e repetição. Alguns estudos sugerem que um tratamento adequado, administrado ainda cedo na vida escolar de uma criança, pode corrigir as falhas nas conexões cerebrais, facilitando e auxiliando nos processos de leitura de uma maneira gradativa e eficaz.

Figura 2 – Ilustração do jogo



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os encontros aconteceram em dois momentos, na sala de recursos multifuncionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), no município de Cerro Largo. Num primeiro momento o encontro foi para que pudéssemos realizar o pré-teste de leitura e, também, conhecermos os participantes, arrolando suas dificuldades. Na sequência o jogo foi desenvolvido e, então, num segundo momento, o encontro deu-se para que as crianças pudessem interagir com o jogo. A partir disso, apresentaremos, a seguir, como foi esse processo com cada um dos participantes:

Participante A (10 anos, masculino): na atividade de pré-teste, para a leitura do texto seu tempo foi de 4min10s, apresentando muita dificuldade, trocando o “famosa” por “faminta”, “fita” por “fica”, “cabelo” por “camelo”. Durante a interação com o jogo, seu tempo para formar todas as palavras foi de 21min28s. Podemos fazer algumas observações e apontamentos, por exemplo: a palavra “casa rosada” foi montada corretamente, mas lida, oralmente, pelo participante, sem a última sílaba, pronunciando-a como “casa rosa”. Também a palavra “limonada” foi montada como “limodana” e “jogo” montado como “logo”. Percebemos aqui a exclusão de sílabas na leitura oral e, também, a troca de sílabas em algumas palavras, mesmo com cores diferentes. Ao ser questionado, o participante não conseguia perceber essas alterações, demonstrando um nível de dislexia mais avançado.

Participante B (9 anos, masculino): na leitura do texto seu tempo foi de 2min38s, apresentando uma leitura não tão lenta. Apontamos algumas dificuldades, entre elas a palavra “cabelo”, a qual foi lida como “sabelo”, “fita” lida como “bita”, “come” lida como “pome”. Assim, o participante B demonstrou inversão silábica em algumas palavras foneticamente similares na atividade de pré-teste. No tempo de interação com o jogo, para a montagem das palavras, levou aproximadamente 11min4s. Pontos observados:

a palavra “janela” foi pronunciada como “ganela” e, depois, montada pelo participante como “janelo”, trocando sílabas e não atentando para as cores diferentes nem para o som. Assim, percebemos que não houve relação grafo-fonêmica ao ler em voz alta as palavras e, também, ao montá-las.

Participante C (9 anos, feminino): para a primeira leitura do texto, seu tempo foi de 2min23s, considerada não tão lenta, apresentando algumas dificuldades como: a palavra “casa rosada” foi lida como “casa rosa”, “viola” como “violão”, “toda” como “foda”. A participante C, portanto, apresentou inversão silábica na leitura oral de algumas palavras. Na intervenção com o jogo, para a montagem das palavras, seu tempo foi de aproximadamente 13min3s. Observamos que algumas das palavras lidas de forma errada no pré-teste foram montadas corretamente, mas continuaram com os equívocos silábicos na leitura oral. Outro ponto expressivo durante a interação com o jogo foi o fato de demonstrar mais dificuldades de montagem nas palavras que não contavam com a imagem, por exemplo, o advérbio “logo”, a qual montou “golo”. Dessa maneira, percebemos que, mesmo montando os substantivos corretamente, provavelmente em virtude da associação com as cores, a participante manteve algumas das dificuldades demonstradas na pré-leitura, como troca de sílabas e letras. Já com as palavras que não tinham combinação de cores houve bastante dificuldade, tanto para a montagem quanto para a pronúncia.

Participante D (12 anos, masculino): durante o pré-teste, para a leitura do texto, seu tempo foi de 6min27s, leitura bastante decodificada e silábica. Durante esse processo expressou várias dificuldades, como: o trecho “é uma” foi lido como “emu”, a palavra “pega” foi lida como “pesa” e, em toda a leitura do texto, o pronome “ela” foi lido como “ele”. Em vista disso, o participante D apresentou a omissão e inversão de sílabas. Quanto ao seu tempo de interação com o jogo, contabilizamos cerca de 16min4s. Verificamos que a palavra “pitoco” foi montada como “pitogo”, mesmo a sílaba “go” sendo de cor diferente; já a palavra “logo” foi montada como “loco”, novamente com a sílaba “co” sendo de cor diferente. Quando questionado, o participante não reconhecia essa troca. Com a montagem da palavra “limonada” o participante D apresentou muito esforço, mas insistiu até conseguir fazer corretamente. Desse modo, notamos um grau de dislexia de nível mais avançado com inversões silábicas e o não reconhecimento grafo-fonêmico em algumas palavras.

Participante E (10 anos, masculino): na leitura do texto seu tempo foi de 7min00s, leitura bem lenta, silábica, indicando algumas dificuldades, como: a palavra “casa rosada” foi lida como “casa rosa a”; durante a leitura pulou da segunda linha para a terceira; o verso “rosa joga bola” foi lido como “rosa bola”; “bota” foi lida como “boca”; “papo” foi lido como “pato”; “animada” foi lida como “animade”; “pega” foi lida como “paga”; “risada” foi lida como “risade”; “rosa” foi lida como “ros”; “come” foi lida como “com”; “limonada” foi lida como “limod”. Dessa maneira, o participante E apresentou dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, troca de fonemas e grafemas por outros similares, alteração na ordem das letras e sílabas. No decorrer da análise e aplicação do jogo, sua interação, para a montagem das palavras, levou cerca de 18min2s. Observamos que a palavra “casa rosada” foi disposta corretamente, mas lida como “casa rosad”; na imagem de “bolo”, formou a palavra “boca”; na imagem

de “viola” montou “filo”; na imagem de “bota”, começou com a sílaba “fi” e, depois, colocou “boloca”; na imagem de “bola”, montou a palavra acertadamente, mas ficou procurando sílabas, afirmando que estava faltando a vogal “a” e, assim, acrescentou a sílaba “ni”, formando a palavra “bolani”. Quando questionado, o participante afirmou que estava correto daquela maneira. Na palavra “pitoco”, ele montou “pitoca”; o advérbio “logo” foi montado de modo correta, mas lido como “loga”. A palavra “animada” foi lida “alimad”, “fala” como “fola”, “bonita” como “bota”. Ainda montou a palavra “fica” e falou que faltava a vogal “a” e ficou procurando entre as outras sílabas, como se não estivesse completa. Em vista disso, o participante E apresentou dificuldade na percepção visual, na análise e na leitura, sem conseguir a síntese das palavras, misturando e fragmentando as palavras, fazendo troca por fonemas e grafemas similares e omissões de letras e sílabas.

Ao aplicar o jogo percebemos que os participantes demonstraram algumas dificuldades, apresentadas na segunda seção deste artigo e caracterizadas por Neves (2014) como: dislexia disfonética, pois ocorreu a troca de sílabas e grafemas (letra, sílabas) por outros similares; dislexia diseidética, caracterizada pela leitura da sílaba sem conseguir a síntese da palavra, misturando fragmentos de outras palavras e fonemas similares (troca de sons); e dislexia visual, pois os participantes demonstraram, em alguns casos, deficiência na percepção e coordenação visomotora – com dificuldades no processamento cognitivo das imagens. Não observamos níveis de dislexia auditiva. Assim, por haver a combinação de mais de um tipo de dislexia, podemos classificá-las como mista para todos os participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que apresentamos foi elaborada com o objetivo de desenvolver um jogo lúdico com atividades que promovessem estímulos para ampliar a consciência fonêmica de crianças e jovens, com idade entre 9 e 12 anos, diagnosticados com dislexia. Para a realização da análise observamos e anotamos o desenvolvimento dos estudantes disléxicos a partir do jogo de identificação e reconhecimento de sílabas, palavras e sons. A proposta desse objetivo geral surgiu com o intuito de refletirmos sobre a necessidade e eficácia de ferramentas de ensino e aprendizagem voltadas a auxiliar crianças com dislexia.

Ao longo do texto buscamos situar o leitor sobre a importância da leitura, o lugar do aluno com dislexia nesse processo e as dificuldades decorrentes desse transtorno. Além disso, procuramos reconhecer o conceito de dislexia e seus efeitos, assim como o espaço escolar enquanto instituição inclusiva. Discutimos, também, o papel da escola, a qual é fundamental para que possamos desenvolver ações de enfrentamento às limitações por parte dos alunos, e na sequência realizamos a descrição e análise dos resultados obtidos com o uso do jogo.

Partimos, então, para as observações apontadas após dois encontros com os participantes, um para a leitura do texto e análise de dados para elaboração do jogo e, outro, para a aplicação do jogo aos alunos. A partir do processo de intervenção, podemos observar que os casos mais leves de dislexia apresentaram menos dificuldades em relação aos participantes com estágios mais avançados. De outra parte, mesmo em

graus diferentes de progressos na interação com o jogo, todos demonstraram interesse, persistência, prazer em poder jogar, considerando que estavam “brincando” enquanto aprendiam.

Dessa forma, constatamos que, ao longo do desenvolvimento das atividades, os alunos mostraram-se motivados e desafiados a superar suas dificuldades. Além disso, sempre se apresentavam competitivos no jogo, expressando interesse e curiosidade.

Em relação às questões motivadoras desta pesquisa, destacamos que os processos desviantes pelos participantes foram bem parecidos. As classificações mais recorrentes foram a dislexia disfonética e a diseidética, com a troca de sílabas por similares, a leitura da sílaba sem conseguir a síntese da palavra e alterações na ordem das letras e sílabas. Também, em alguns casos, percebemos a dislexia visual, pois alguns participantes não conseguiam perceber a letra ou a sílaba no contexto da palavra, desconsiderando imagem e cores. Ainda, mesmo considerando o fato de o grupo ser formado por integrantes de idades distintas, entre 9 e 12 anos, observamos que, independentemente da idade, o que influenciou no desempenho das atividades foi o grau de dislexia dos participantes.

Embora tenha sido só um momento de interação com o jogo, foi extremamente significativo para entendermos algo até então incompreendido e, que de fato, existe nas escolas. Quando tivemos a oportunidade de estar com o grupo de crianças disléxicas e aplicarmos o jogo, conseguimos presenciar e vivenciar as dificuldades e as angústias demonstradas a partir do seu lugar de fala, quando não conseguiam formar uma palavra ou não reconheciam as letras e os sons.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir de forma significativa para o trabalho com crianças e jovens disléxicos, respeitando sempre as individualidades e particularidades de cada um, reconhecendo que, mesmo com dificuldades, são capazes de construir seus conhecimentos. Da mesma forma, podemos afirmar que este artigo contribuiu significativamente para o processo de construção e formação profissional, pois, por meio dessas vivências, foram adquiridos conhecimentos que irão repercutir em nossas ações futuras, como profissionais de Letras. Assim, encerramos nossas considerações lembrando Paulo Freire (1996, p. 12), o qual defende que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

REFERÊNCIAS

- ABD. Associação Brasileira de Dislexia. *Como interagir com o disléxico na sala de aula*. Disponível em: <http://dislexia.org.br/v1/index.php/health-living-c/140-como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- BATISTA, Jeize de Fátima; GONÇALVES, Ana Cecília Teixeira; ZIESMANN, Cleusa Inês. Dislexia e os desafios do processo de Ensino e Aprendizagem no ambiente escolar. In: ZIESMANN, Cleusa Inês; BATISTA, Jeize de Fátima; DANTAS, Nozangela Maria Rolim Dantas (org.). *Educação inclusiva e formação docente: olhares que se entrelaçam*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 19-38.
- BATISTA, Jeize de Fátima. *O software como ferramenta de ensino: estimulando a leitura em crianças e jovens diagnosticados com dislexia*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2017.
- BRAGA, Regina M.; SILVESTRE, Maria de F. Barros. *Construindo o leitor competente*. São Paulo: Petrópolis, 2002.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 30 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes operacionais da educação especial para o atendimento educacional especializado na educação básica*. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192. Acesso em: 26 jul. 2022.

CASTRILLON, Luciana Maria Teixeira. Problemas de aprendizagem, soluções de aprendizagem: respostas instrucionais para as necessidades de cada aprendiz. In: ALVES, Luciana; MOUSINHO, Renata; CAPELLINI, Simone (org.). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. p. 371-404.

DEHAENE, Stanislas. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Penso, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos de leitura*. Porto Alegre, Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MASSI, Giselle. *A dislexia em questão*. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

NEVES, Maria da Graça Gonçalves Cunha. *Investigação de processos neurolinguísticos de sujeitos com distúrbios significativos de leitura/escrita em contextos/acadêmicos*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/361>. Acesso em: 29 jul. 2022.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Classificação de transtornos mentais e de comportamentos da CID 10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PETROSSI, Eduardo. O que é dislexia. *Revista Superinteressante*, edição 207, dez. 2004. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/o-que-edislexia>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SAMPAIO, Simaia. Aspectos Neuropsicopedagógicos da Dislexia e sua influência em sala de aula. In: SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga (org.). *Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educacionais especiais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

Autor correspondente

Cleusa Inês Ziesmann

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

Av. Jacob Reinaldo Haupenthal, 1.580 – Bairro São Pedro, Cerro Largo – RS, Brasil. CEP 97900-000

cleusa.ziesmann@uffs.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

